



T-55 (21)

Núcleo Guapimirim

Carta do Diretor,

que continua a não conseguir ver o Dedo de Deus.

Num amplo e sincero Bom Dia, a todos, há relevo nas palavras que se seguem. Não por quem as escreve, como será claro, antes pelo que de sentido elas adquirem, se o sentido e o sentimento andarem de mãos dadas.

Estamos - os que compõem e perfazem o Museu do Falso - esticados por dois continentes, a dar corpo a uma ambição antiga: desenvolver um Núcleo do Museu do Falso, fora do nativo Portugal.

Para surpresa e angústia momentânea, é neste preciso momento que isso ocorre. Neste preciso momento em escrevem uns e “maquetam” outros, com as quatro horas de fuso distinto, horário. Surpresa maior ocorreu quando recebemos o convite a transpor Oceano, qual Sacadura Cabral e Gago Coutinho, ou melhor ainda, qual Santos Dumond a inventar o que todos depois desenvolveram.

Deu-se esta feliz possibilidade a convite de Guapimirim, da Prefeitura de Guapimirim, para o Festival “Guapi Celebra Viseu”... para a primeira edição desse Festival. Deste Festival, que ainda não aconteceu, mas é para amanhã e depois e depois.

Ao chegar um breu só... Era de noite. Não podia ser de outro modo. O acordar foi outro: belezas incríveis de som e... chuva... Muita chuva. Até que a estima de quem nos acolheu reverberou no pedido de ver céu azul e matas verdes. Se as gentes do Mundo soubessem quão verde pode o verde ser! Só aqui, em Guapimirim. Ficamos com a ideia de que o verde se inventou e ficou aqui, que mais nenhum lugar

terá este tom. Passaremos a declará-lo “Verde Guapi”. No topo da serrania que nos envolve há um outro mundo de picos e enclaves, dados com nomes de corpo e mão. Uma mão de punho fechado e indicador apontando ao alto. Esse indicador é o Dedo de Deus. Vemos verde e sabemos da mão, mas não é ainda a altura de espreitar o que por lá se oculta. Temos de prestar provas. Esperamos que venham já em sequência. O Verde foi apenas a primeira cor. A partir dela e dali, do Dedo, todas as outras foram dadas aos seres vivos. Tanta cor e tantas cores que se pode afirmar ser naquele lugar a origem da Paleta do Mundo. Só pode ser. De tal modo que as gentes que habitam o território em volta, são elas mesmas cor. Só podem ser.

Durante 3 dias e noites, com os acervos próprios e pessoais de Adriana Andrade, Simone Lugão, Kátia Reis, Rayanne Luiz, Walbia Souza, Danielle Trajano, Írio Lima Jr. (e Manu, Marcelo e Mário, sempre Mário, claro), se constituiu este que se plasma em páginas: o Núcleo de Guapimirim do Museu do Falso [T-55 (21)]. A que se adiciona e oferta um extra de ligação viseense, de antanho. Mas é de somenos, se comparado. E não é verde... nunca tão verde.

Esperamos que nos encontrem e esperamos encontrá-los, breve. A princípio, na Sede Campestre da Casa de Viseu. Aqui mesmo em Guapimirim. Depois, onde a Vida for ela mesma, e decidir encarregar espaço que nos dispense.

Guapimirim, 1 de Junho de 2023

Acervo

Raiz ofertada ao Híppie Canoro Brasileiro

PROVENIÊNCIA: Írio Lima Jr. MF.2023.024

Vaso Cerimonial da Cerimónia de atribuição de nome a Guapimirim

PROVENIÊNCIA: Simone Lugão. MF.2023.025

Amuletos dos irmãos protetores das Terras Verdes

PROVENIÊNCIA: Rayanne Luiz. MF.2023.026

Par de Botas Verdes do Menino que falava letras de fumaça

PROVENIÊNCIA: Walbia Souza. MF.2023.027

Cetro da Rainha Protetora das Águas

PROVENIÊNCIA: Danielle Trajano. MF.2023.028

Parafuso da Maria-Fumaça (Locomotiva 211/az)

PROVENIÊNCIA: Adriana Andrade. MF.2023.029

Registo fotográfico da última cutia de Cotia

PROVENIÊNCIA: Kátia Reis. MF.2023.030

Cópia da Litografia da arma perdida de João Brandão

PROVENIÊNCIA: Luís Belo. MF.2023.019

Cartaz “Digressão Universal do Circus Vaccaensis” - Ultimíssimo Show

PROVENIÊNCIA: Herdeiro do “Circus”. MF.2023.020

Frontispício e Ilustrações de “Myths from Inner Portugal - Viseu” (...)

PROVENIÊNCIA: Miche Albasini. MF.223.021

Desenho Arqueológico da Corneta do Rei Ramiro II de León

PROVENIÊNCIA: Não Identificada. MF.2023.022

Registo de Campo da ferradura da pata traseira esquerda (...)

PROVENIÊNCIA: B. McXug. MF.2023.023

Raiz ofertada ao Hippie Canoro Brasileiro

DATA: 2000

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.024

PROVENIÊNCIA: Írio Lima Jr.



O Hippie Canoro Brasileiro é, segundo alguns, uma espécie única e rara. Segundo outros, uma espécie mítica, de um tempo em que carona se praticava com segurança, pelas estradas e veredas da imensidão do território. O gesto de solicitar e o de ser solícito, acomodavam as vontades de quem pedia e as disponibilidades de quem oferecia.

Desses tempos, numa viagem quase sem termo, surgiu o diário irrepetível do Hippie Canoro Brasileiro, que tanto ouvia o som da Mata como o silêncio da cidade, até ao dia em que encontrou o seu ritmo e timbre.

Numa das páginas do Diário, cerca de 2000, se regista o momento em que o Viajante foi acolhido e nunca mais partiu:

A NATUREZA UM DIA ME FALOU.A VOZ DA SERRA É A PRINCIPAL VOZ QUE
PRECISAMOS ESCUTAR! ELA UM DIA ME PERGUNTOU:

SE NÃO EXISTISSE O AR PURO?

SE NÃO EXISTISSE O VENTO?

SE NÃO EXISTISSE CALOR?

SE NÃO EXISTISSE O FRIO?

SE NÃO EXISTISSE A PAZ DAS NUVENS?

SE NÃO EXISTISSE A ÁGUA DE CHUVA?

SE NÃO EXISTISSE O CHEIRO DO MATO?

SE NÃO EXISTISSE O CANTO DOS PÁSSAROS?

SE NÃO EXISTISSE A LUZ DO LUAR?

SE NÃO EXISTISSE A LUZ DO DIA?

TERIAS UMA VIDA SAUDÁVEL? ENTÃO ME AJUDA A VIVER MAIS VERDE. EU SOU A RAÍZ DA VIDA...

Seguidamente entregou-se ao Híppie Canoro Brasileiro, para por ele ser cantada até que doesse a voz e falhasse o violão.

Vaso Cerimonial da Cerimônia de atribuição de nome a Guapimirim

DATA: Séc. XVI (?)

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.025

PROVENIÊNCIA: Simone Lugão



O nome “Guapimirim” tem sua origem num acampamento de indígenas que viviam em torno de uma nascente na região do Vale das Pedrinhas. Quando foi oficialmente fundada, em 1674, a localidade ganhou o nome de “Nossa Senhora d’Ajuda de Aguapéí Mirim”. Com o tempo, o topônimo foi abreviado para “Guapimirim”. Portanto, o topônimo atual “Guapimirim” é originário do termo tupi agûapé’yimirim, que significa “rio pequeno dos aguapés” (agûapé, aguapé + ‘y, rio + mirim, pequeno). O rio que deu nome ao município era o local por onde as tropas passavam, levando mercadorias para o sertão das Minas Gerais, de onde traziam ouro e pedras preciosas.

Os primeiros registros sobre a cidade datam de 1674 e citam um povoado às margens do Rio Guapimirim, abençoado pela Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda. No final do século XVIII, surgiu o povoado de Santana, que ficava no caminho das tropas que ultrapassavam a serra, levando-os pelas trilhas sertanejas para as Minas Gerais. Nessa época, eram comuns as pestes sucessivas. O cemitério de Santana foi construído nesse período e, até hoje, serve à cidade.

Indica-se que os indígenas originais, “atribuidores do nome” de Guapimirim, seriam Timbiras. Esta é uma nomenclatura que designa um conjunto de povos: Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykopjê, Krahô e Krinkatí. Outras etnias timbira já não se apresentam como grupos autônomos: os Krenyê e Kukoikateyê vivem entre os Tembê e Guajajara, que falam uma língua tupi-guarani (Tenetehara); os Kenkateyê, Krepumkateyê, Krokamekhrá, Põrekamekrá, Txokamekrá, recolheram-se e se dissolveram entre alguns dos sete povos timbira inicialmente enumerados.

Com a chegada dos Portugueses, os índios Timbira tiveram que fugir e se refugiaram no alto da serra. Hoje conhecida como Serra dos Órgão. Chegando nesse lugar eles se depararam com um Rio de águas limpas e cristalinas. Logo perceberem que a Natureza começou a rececioná-los: todas as árvores ao seu redor se curvaram para eles. Então o chefe da tribo resolveu , montar seu acampamento neste lugar e resolveram fazer uma grande cerimônia para agradecer ao Deus Espírito de trovão, por aquele lugar, mais grande foi a surpresa quando na hora da cerimônia todos animais da floresta apareceram, desde o macaca muriqui, o bicho preguiça, pássaros, o boto cinza entres outros, mais a onça parda apareceu em grande estilo , levando para essa tribo um pote cheio de sementes encantadas, e presenteou os índios, falando que por onde eles passassem era para jogar um pouquinho daquelas sementes, porque nelas havia a porção do amor e respeito pela natureza e seus animais.



Amuletos dos irmãos protetores das Terras Verdes

DATA: séc. XVII

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.026

PROVENIÊNCIA: Rayanne Luiz

O Cacique da tribo Timbira tinha um casal de filhos e havia recebido uma mensagem pelos cantos dos pássaros que se aproximava um momento no qual ele muito temia: sua tribo seria atacada, devastada e dizimada por invasores.

Diante dessa mensagem, o Cacique recebeu do curandeiro e feiticeiro de sua tribo dois amuletos - um para cada filho. E que chegado o momento da invasão deveria mandar os dois jovens para dentro da mata com seus amuletos e dessa forma estariam protegidos mas teriam uma missão eterna com a mata que os protegeria. E assim ocorreu, ao entrar na mata fechada, os jovens se transformaram em belíssimos pássaros com poderes místicos.

Seu filho, um guerreiro de muito talento, agora se tornara Alma de Caboclo, pássaro também conhecido como Alma de Gato. Seu papel era proteger toda a natureza da região durante as manhãs e para isso ele ganhou características específicas do pássaro que o ajudariam nessa tarefa: velocidade, grande capacidade de se esconder e não ser visto nas matas e um canto muito específico que por muitos era considerado um aviso de morte. Isso porque na verdade, o canto do pássaro marcava aqueles invasores que tinham em seus corações intenções de depredar e tirar da mata aquilo que não os pertencia.

Sua filha, jovem feiticeira da tribo, se tornara agora Mãe da Lua Gigante, também conhecida como ave fantasma. Sua missão era proteger a natureza durante a noite. Para isso, tinha grande talento em se camuflar no meio dos troncos das árvores e tinha o poder do olho mágico: mesmo de olhos fechados conseguia ver o que acontecia à sua volta. Após identificar um invasor,

a jovem agora na forma de pássaro, subia em sua cabeça e o transformava em árvore seca. Durante as noites, seu canto representava o lamento pelas destruições e a falta de conexão do homem com a natureza.

As aves e as lendas são responsáveis por manter as matas de Guapimirim conservadas e protegidas, pois os invasores se mantêm até os dias de hoje com medo de entrar em matas fechadas e ver ou ouvir os cantos dos pássaros que anunciariam suas mortes.

Par de Botas Verdes do Menino que falava letras de fumaça

DATA: séc. XVII

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.027

PROVENIÊNCIA: Walbia Souza



Até o século XVII, a região de Guapimirim era habitada pelos índios timbiras que, com a chegada dos portugueses, subiram a serra e descobriram o rio Guapimirim. Nossa senhora da Ajuda de Agueypeimirim foi seu primeiro nome. Quando fundada em 1674 era passagem obrigatória para quem se dirigisse à Serra dos Órgãos onde fica localizado o dedo de Deus, nome dado por ter formato de uma mão fechada apontando com dedo indicador para o céu.

Conta-se que havia um túnel centenário que foi construído pelos escravos vizinhos de uma capela erguida em 1647, e foi um dos marcos católicos dos fundos da Bahia de Guanabara. Este túnel ficou conhecido como túnel dos escravos e era utilizado para transporte de escravos trazidos por embarcações negreiras para o recôncavo da Bahia de Guanabara, a partir do rio Guapimirim que também servia de deslocamento dos escravos entre a senzala e a capela de Nossa Senhora da Ajuda. Uma outra versão seria a de que o túnel tinha como propósito auxiliar a descarregar resíduos de um dos engenhos de cana da região diretamente de Guapimirim.

Seguindo a rota temos os mistérios da antiga Fazenda do Segredo que data do século XVII e que até ao século XIX era utilizada para produção de água ardente com mão de obra escrava para manter os negócios gerando lucros exacerbados.

Nos séculos XVII e XVIII, os negros que conseguiam fugir se refugiavam em locais fortificados no meio das matas, conhecidos como quilombos, lugares de difícil acesso, onde indígenas que perderam suas terras também se refu-

giavam, numa tentativa de rompimento e sair do controle dos senhores da fazenda, a formação do quilombo tem como principal característica a fuga de rompimento. A Serra dos Órgãos foi palco da manutenção à vida, onde a natureza sustentava os quilombos. Sentiam o som da natureza.

Reza a lenda que havia um menino, que vivia nas matas da Serra dos Órgãos, que soltava fumaça pela boca em forma de letras. Ele subia no ponto mais alto da serra do Dedo de Deus. Dizem que ele era quem indicava o caminho das matas para os escravos e que de sua boca saíam as palavras: “o verde faz bem”. Ninguém sabe até hoje em que língua saíam as letras. Há quem diga que eram mágicas e todos podiam entender os sinais. Até hoje existe o mistério de como ele subiu o Dedo de Deus só com uma perna, pois no início da subida existia um par de botas verdes.



Cetro da Rainha Protetora das Águas

DATA: desconhecida

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.028

PROVENIÊNCIA: Danielle Trajano

O rio Soberbo nasce na Serra dos Órgãos e o nome do parque deriva da semelhança dos picos da serra com os tubos de órgãos de igreja. O Rio Soberbo, que corta a cidade de Guapimirim, tem como principal afluenta a cachoeira da Neblina, que é a maior queda d'água do Brasil. Neste mesmo parque da Serra dos Órgãos, existem diversas construções históricas da época do Brasil-Império. Nele encontra-se a Capela de Nossa Senhora da Conceição, onde aconteceram diversos batizados no século XIX, por a capela ficar situada nas margens do Rio Soberbo. Existem também, os bairros Barreira, Limoeiro e Centro. Dele nasce o Riacho Branco que desce do Monte Olivette e pelo Paiol. Após o Centro, ele desagua novamente no Rio Soberbo e juntos se encontram com o Rio Bananal (no bairro de mesmo nome), formando assim o Rio Guapimirim. Já na região do Vale das Pedrinhas, o rio Guapimirim se encontra com o Rio Macacu, que faz divisão de Guapimirim e Cachoeiras de Macacu, formando o Rio Guapi-Macacu que corta os manguezais da área de proteção ambiental de Guapimirim e desagua na Bahia de Guanabara. O Rio Soberbo forma várias cachoeiras, rios e piscinas naturais em diversos pontos, o que é um atrativo natural em dias de calor, trazendo assim vários turistas para conhecer "Guapi", forma carinhosa com que os moradores designam a cidade de Guapimirim. Como no hino da cidade: "aquele que bebe a água de Guapi, saudoso voltará". Assim, o Rio Soberbo deixa de ser apenas um rio, e passa a ser o coração e veias da cidade de Guapimirim.

Deste tempos imemoriais, o Rio Soberbo diz-se ser habitado por um ser mágico, uma Rainha. Mulher e mãe, protetora, valente, inteligente, vaidosa e

poderosa, dona das cachoeiras e rios de água doce. Assim como protege os seus filhos, ela repele com seu cetro mágico todos aqueles que vão poluir sua água sagrada.

Fonte de vida, riqueza em forma líquida, ouro cristalino, este muito cobiçado por aqueles que há muito tempo atrás aqui chegaram e expulsaram os nativos, filhos da terra verde, que aqui habitavam e protegiam o entorno de suas águas. Este mesmo ouro apreciado por sua rainha, que é muito vaidosa e gosta de se enfeitar, ouro puro, como o seu amor de mãe. Puro como deveria ser a água de qualquer rio, bem tratado, amado e cuidado, do mesmo jeito que esta mãe cuida de seus filhos, que por ela rogam quando em aflição vêem seu rio sofrer com a poluição. “Viva a mãe d’água! Rainha Protetora das Águas.” – dizem quando pedem a sua ajuda.

Parafuso da Maria-Fumaça (Locomotiva 211/az)

DATA: 1929

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.029

PROVENIÊNCIA: Adriana Andrade

A estação de Guapimirim foi aberta em 1896 no primeiro trecho da Estrada de Ferro Teresópolis e até 1901 era a estação terminal, e mesmo depois disso; nesse ano se iniciaram as obras para o trecho mais difícil, o da serra. A região se desenvolveu por causa do trem; é notório que nos anos 1950, a maior parte da população do local eram ferroviários da Central do Brasil e lavradores. Aliás, fato curioso: apesar de sair da estação de Barão de Mauá e transitar pela linha da Leopoldina até Magé, onde saía para Guapimirim, a linha era manejada pela Central desde 1919, o que derivou no nome do clube de futebol local.

Com a supressão do trecho entre Guapimirim e Teresópolis em 1957, a estação voltou a ser estação terminal, o que permanece até hoje. A sua charmosa estação atualmente, permanece sendo a mesma de 1896, sendo um dos poucos municípios brasileiros a possuir um terminal ferroviário original do século XIX, ainda em pleno funcionamento.

Maria-Fumaça é o nome que se dá a todas as locomotivas a vapor, pelo típico fumo que sai da chaminé da locomotiva e datam do início do século XIX. A linha ou ramal de Guapimirim foi servido por várias Marias-Fumaça, sendo “famosas” a locomotiva 327 (posteriormente vendida para Cruzeiro) e a locomotiva 1424 (igualmente vendida e atualmente na cidade de São Lourenço, em Minas Gerais, usada para fins turísticos). O último trânsito oficial de uma Maria-Fumaça (a 1424), ocorreu a 15 de Março de 1973. No entanto, uma locomotiva ficou escondida e esquecida na história: a 211/az.

Esta teve o seu dia de glória em 1929, quando Alcindo Guanabara - filho de



Guapimirim, jornalista, político e membro fundador da Academia Brasileira de Letras – se propôs chegar a Teresópolis, iniciando a sua viagem na Estação Barão de Mauá, nos velhos trens de madeira puxados por máquinas a vapor, até Magé, de onde seguia para Guapimirim. Em Guapimirim, uma avaria na locomotiva de serviço obrigou a que se desse por terminada a tentativa. No entanto, o engenho e vontade de Alcino e dos Guapimirenses, levou a que fossem estes em busca de uma outra locomotiva (a 211/az, que estava abandonada e sem uso), numa cidade vizinha. Daí, puxada por junta de animais de carga, a trouxeram até à estação de Guapimirim e, por fim, animais e Maria-Fumaça 211/az (a Fumacinha) levaram, acompanhados por todos os habitantes de “Guapi” até ao cimo da serra, a Teresópolis.

Conta-se que a Fumacinha se perdeu nos registos, mas há quem afirme tê-la visto em exposição, no átrio da Barão de Mauá, bem dentro do século XXI.

Registo fotográfico da última cutia de Cotia

DATA: Início do séc. XX (datável)

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.030

PROVENIÊNCIA: Kátia Reis



Carl Friedrich Philipp von Martius (Erlanger, Alemanha, 1794 – Munique, Alemanha, 1868), renomado naturalista do século XIX, lecionou botânica na Universidade de Berlim e foi diretor do jardim botânico de Munique. Veio ao Brasil convidado pelo rei Maximiliano, da Baviera, como integrante da comitiva da arquiduquesa Maria Leopoldina, por ocasião de seu casamento com D. Pedro I, na chamada Missão Austríaca. Entre 1817 e 1820, ao lado de Johann Baptist von Spix e do artista Thomas Ender, investigou a flora brasileira, numa viagem que percorreu as províncias de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Pará e Amazonas, onde colheu e catalogou uma vasta quantidade de espécimes vegetais (que se estima em torno a 12 mil).

Sócio honorário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, recebeu prêmio em concurso instituído pelo trabalho sobre Como se deve escrever a História do Brasil (1847). Ele também é lembrado no Dia Nacional da Botânica, 17 de abril, data de seu nascimento, exatamente pela relevância de seu trabalho.

Na fase final da sua permanência no Brasil, enfim se hospedou na fazenda Barreira do Soberbo, em Guapimirim. Nesse mesmo local, durante a Guerra do Paraguai, o imperador D. Pedro II, ali se hospedou, interessado em avaliar as plantações da quina calisaia de onde se extrai o quinino, medicamento que combate a malária e que seria utilizado pelo exército brasileiro. Tudo isso junto ao antigo e referido como “Caminho do Ouro”, o primeiro pedágio do Brasil, sendo que cada trânsito deveria pagar o valor de 2 vinténs, para assegurar “manutenção do trajeto”, desta trilha que subia a Serra dos Órgãos.

A Avenida de Palmeiras Imperiais (eventualmente alternativa ao “Caminho do Ouro”), na Fazenda de Santa Constança (cooperativa fundada por emigrantes de origem japonesa), continha um impressionante caminho ladeado por palmeiras, que foram igualmente registadas por von Martius, indicando ele que o método de plantação era original, observando uma espécie nativa de roedores, cutias, ordenando o território e plantando, espaçadamente, as referidas palmeiras. As cutias, não sendo observáveis em Guapimirim, de algum modo se deslocaram especificamente para o efeito, demarcando e assinalando um trajeto. A última dessas ações de florestação terá tido lugar algures no início do século XX, comprovado por registo fotográfico primitivo, mas inequívoco. Embora tempos recentes tenham associado a nomenclatura cutia à designação da cooperativa COTIA. “Cobra, Tatu; cutia não. Cotia sim?”



Cópia da Litografia da arma perdida de João Brandão

AUTOR: Paquete da Silva

TIPOLOGIA: Linogravura

DATA: 1865

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.019

PROVENIÊNCIA: Luís Belo

*“Caro Senho João Brandão,
Venho por esthe meo inphormá-lo de ch’ o seo ttrabucho se enchonthra na
mynha posse, chaso dezeje reavê-lo posso, com muyto pezar, aparthame dele
medyante ua necessária e – permitha-me que o dyga – merecyda commpen-
sação pola salvvuarda proporcyonada e esthyma vothada ao repherido
objectho desde che dele s’ escheceo em lochal vizeense de commpanhias
nem semppre mencionáveis.
Pola modesta chuanthia de cincho chontos de reys que sey possuir polo
che ly nos jornais. P’ra chomprovar a posse do ttrabucho, junto enveo uma
lynógravura de mia autoria e ch’ espero ch’ aprecie.
A myssiva de rezposta pode ser entregue no café “Saltitão” ao cuydado desthe
seu mui devotho admmyrador.”*

Eram estas as palavras que se podia ler da carta assinada por Paquete da Silva e datada de 1865. Esta carta escrita à máquina – invenção que surgira apenas cinco anos antes – e a respectiva linogravura, técnica também ela recente para a época, ganham um especial destaque não apenas pela sua raridade, mas sobretudo graças ao seu conteúdo e a quem se dirigem.

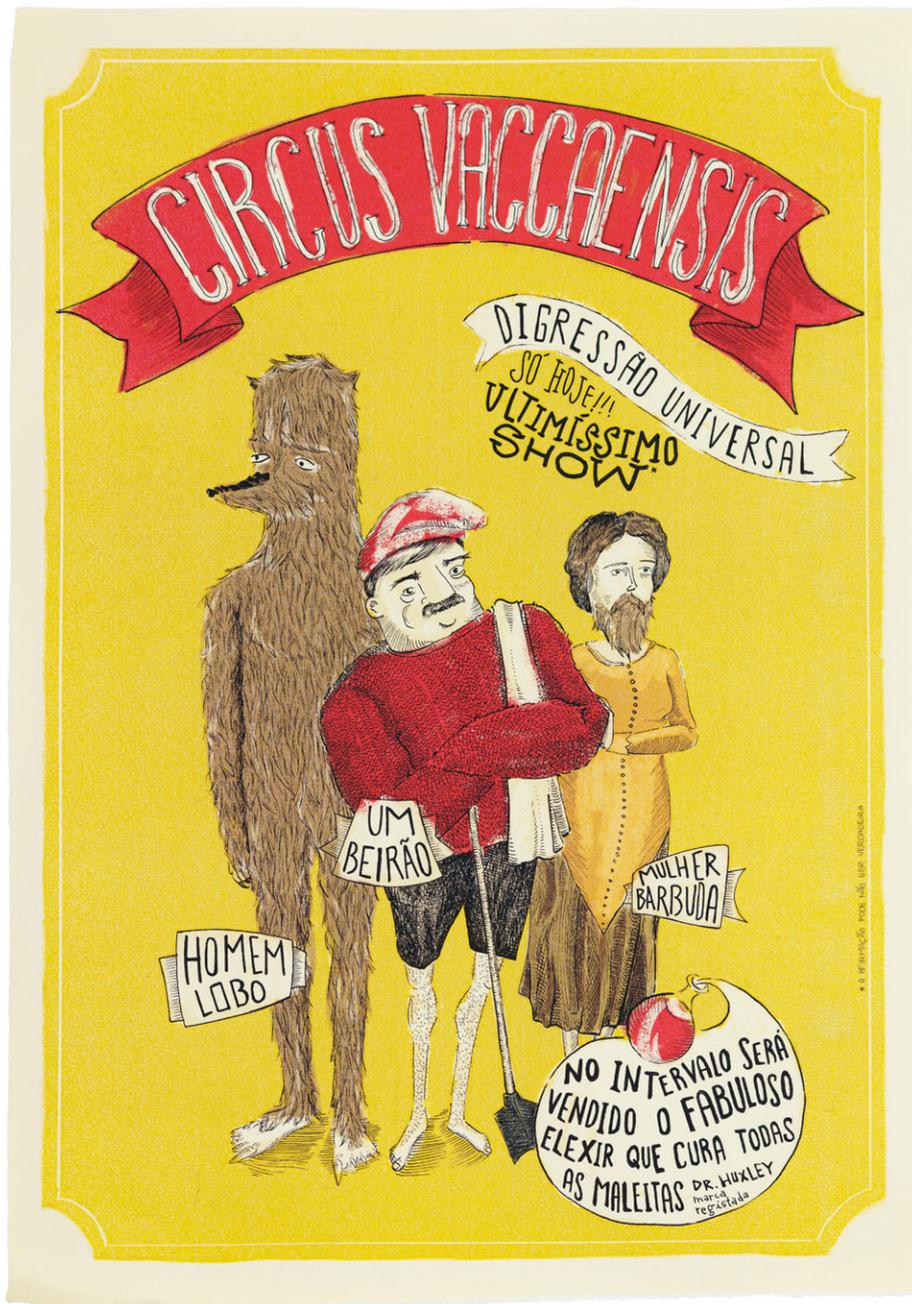
Observando para lá da incorreção da ortografia e do tacanho domínio no manuseio do linóleo, é fácil perceber que aquela carta se trata, primeiro, de um testemunho da estadia de João Brandão na cidade de Viseu, levantando até a possibilidade de fazer disso um hábito; e, segundo, é uma das poucas – senão mesmo a única – representação do que terá sido uma arma do ladrão.

João Brandão nasceu a 1 de Março de 1825 em Midões, na Tábua. Aquando pequeno já se lhe podiam perceber os traços que o viriam a caracterizar mais tarde: determinado, frio, um líder. Aos 12 anos, por puro exercício de pontaria, mata um pastor de Gouveia. A acção foi louvada por toda a família que mais tarde viria a tornar-se no seu bando. Anos depois adquiria a alcunha de “Terror das Beiras”. O nome não surge levianamente: Brandão fez carreira no manuseio de bacamartes, clavinas e clavinetes, trabucos e punhais, assaltando, assassinando e extorquindo. Fê-lo com uma imunidade surpreendente, mas à qual não estarão certamente alheias as ligações políticas, primeiro como “voluntário da Rainha” combatendo na Guerra Civil, mais tarde puxando cordelinhos para vários partidos a quem os seus serviços mais convinham.

Durante esses anos, vários são os relatos de João Brandão em Viseu, mas um deles tem tanto de inegável como de surpreendente. Terá sido em 1865, durante uma das suas estadias num Hotel local que Brandão, por acidente, perdeu uma das suas armas. Sabemo-lo graças a uma carta de chantagem assinada por um tal de Paquete da Silva, este último que se acredita ser um mero empregado do Hotel, mas cuja coragem não tinha fronteiras. Escrevia-se na carta que havia encontrado a arma do dito e, para que a devolvesse, exigia a exorbitante quantia de cinco contos de reis. A esse documento juntou ainda uma linogravura que o próprio fizera atestando a veracidade do que dizia. São esses elementos que sobreviveram até hoje, muito embora nada se saiba sobre a resposta de João Brandão ou o destino de Paquete da Silva, especulando-se no entanto que Brandão não terá sequer recebido a missiva.

O último capítulo de João Brandão em terras lusas desencadeia-se com o assassinato do Padre José da Anunciação Portugal. Com elevado risco, o administrador do Concelho de Oliveira de Hospital acusou Brandão de ter morto o Padre, e embora essa mesma sentença não tivesse sido unânime, Brandão acabou por ser sentenciado ao degredo em Angola, onde deveria usar, a todo o momento, uma grilheta. Com a sentença veio o grito do povo que, liberto da opressão cantava: “Já lá vais para o degredo – Adeus ó João Brandão – A morte d’aquele padre – Foi a tua perdição”. Já em Angola, o ladrão astuto consegue escapar-se da pena e acaba até por possuir uma fazenda agrícola que se tornaria uma importante produtora de aguardente.

A 20 de Setembro de 1880, noticia-se a morte de João Brandão, supostamente envenenado.



Cartaz “Digressão Universal do Circus Vaccaensis” - Ultimíssimo Show

AUTOR: Desconhecido

TIPOLOGIA: Cartaz

DATA: c. 1881

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.020

PROVENIÊNCIA: Herdeiro do “Circus”

Um dos primeiros grandes nomes ligados às artes performativas em Viseu foi, não o de um indivíduo mas o de uma instituição: o Circus Vaccaensis. Fundado no último quartel do século XIX – em data imprecisa – o Circus Vaccaensis era um circo itinerante, procurando especificamente (por questões de controlo de custos) “trautear” as regiões do interior de Portugal e algumas esporádicas incursões a Espanha. É tido como o período da concepção do modelo que adoptarão com grande valor e que, perto da transição para o século XX, lhes trará alguma fama. O número mais reconhecido era o da corrida de pulgas, a par com o espectáculo vaudevilliano “Les Crazy Pulgas” – que dizem ter servido de inspiração ao cabaret parisiense “Le Crazy Horse Saloon”, de 1951.

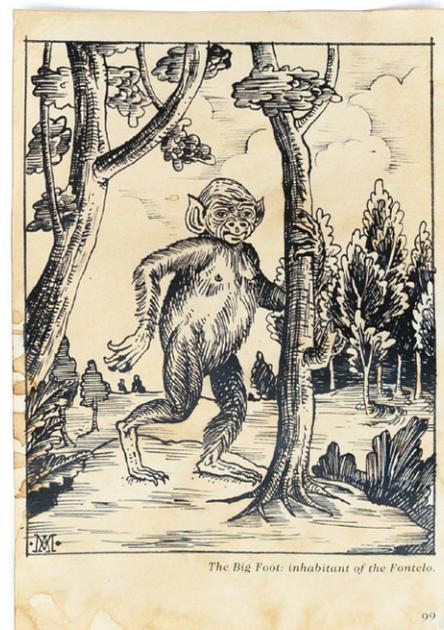
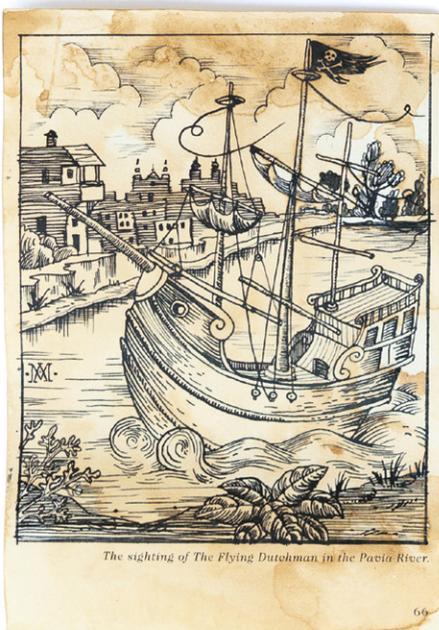
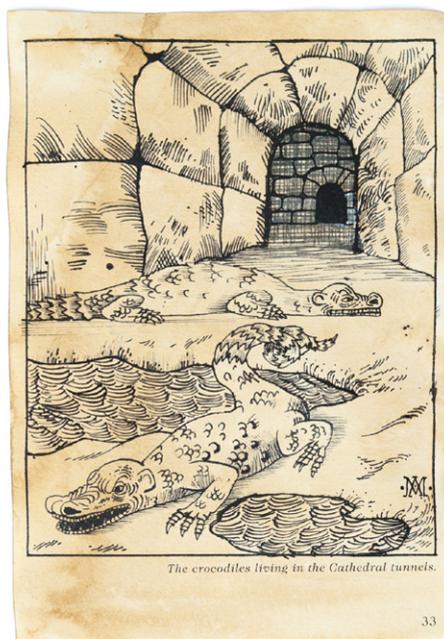
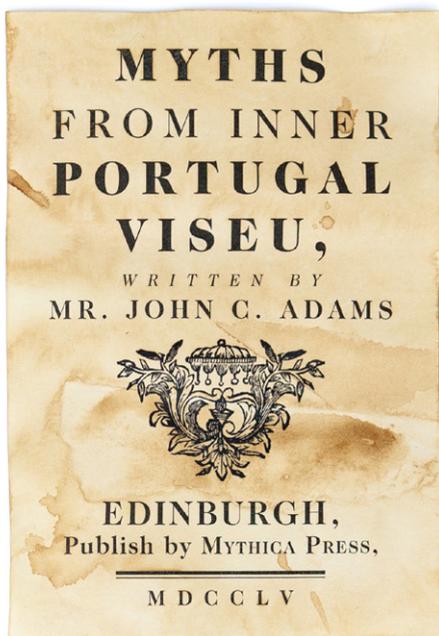
Genericamente podendo ser inserido no grupo de Circos de Aberrações, esse epíteto sempre foi contestado pelos proprietários do CV (inicialmente A. Melo Cunha; 18?-1882) e pelos seus membros, preferindo estes a designação de Associação Mutualista para a Variedade.

A grande explosão de popularidade ocorre em 1880 quando, devido a uma epidemia, morre (ou foge, não se viu bem) a totalidade das pulgas, sendo o CV obrigado a recrutar novos números principais. O Homem-Lobo (n.1864-m.1913) estando na trupe há alguns anos consegue fazer valer as suas reivindicações e alcançar um melhor contrato e destaque, mas é com a Mulher Barbuda (n. 1820-m.1912 a bordo do Titanic) e com o Beirão (n.1867-m.?) que, em particular para um público além Beiras, o CV se torna uma atracção garantida.

A maior e última (por motivos ainda não esclarecidos) tournée, designada

Digressão Universal e com o patrocínio do Elixir de Dr. Huxley, teve então (com o formulário indicado supra), início na Primavera de 1881 e durou cerca de 15 anos, pautando-se por regulares aplausos e actuações em 3 continentes.

Foi igualmente com a Digressão Universal que o CV iniciou um processo de valorização e aposta na imagem, através de cartazes de design simples mas eficaz e conjugação das cores com o lettering, e a disposição das estrelas na secção central, algo que Hollywood tomará como modelo e premissa. Desses cartazes - frequentemente reutilizados - poucos exemplares são conhecidos e nenhum em bom estado, assumindo-se este em concreto como um portador das marcas do tempo e intervenções casuais.



Frontispício e Ilustrações de “Myths from Inner Portugal - Viseu” (Versão Descafeinada)

AUTOR: John C. Adams

TIPOLOGIA: Ilustrações

DATA: 1755

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.021

PROVENIÊNCIA: Michel Albasini

A obra “Myths from Inner Portugal - Viseu” foi escrita em 1755 por John C. Adams e publicada em Edimburgo na renomada Mythica Press, dando continuidade ao percurso do autor, que havia já elaborado similar catalogação para os territórios do Império Britânico. Esta seria a primeira parte de uma compendiação exaustiva sobre o território português, ao tempo governado pelo Marquês de Pombal, sendo Rei D. José. Aliás, considera-se unanimemente que a acção do período pombalino que mais tarde se reconheceu a nível urbanístico, e modelado nos exemplos da Europa central e do sul, se havia iniciado com um apelo mais britânico, de que esta obra seria exemplo cimeiro.

De facto e apesar de apenas se conhecer este volume, dos previstos 97, nota-se pelo tipo de método utilizado que se tinha na época tomado Portugal e seus territórios como marca original e difusora do que Hoje se afirma como “mitos urbanos” e cuja influência é superiormente sentida por exemplo, nos Estados Unidos da América. As ilustrações pertenceriam ao próprio autor, baseadas quer em recolhas orais quer, nalguns casos, em observação directas.

As páginas apresentadas afirma-se terem pertencido ao próprio Marquês do Pombal e terem-lhe sido oferecidas aquando da apresentação pública do livro, algures nas margens do Rio Pavia e durante a Feira Franca. Como é conhecido, a 1 de Novembro de 1755, ocorre o grande sismo que afectou Portugal e obrigou a obras de reconstrução de parte da capital bem como de outras áreas do país e alguns elementos mais conservadores e programaticamente ligados aos Jesuitas terão indicado que o terramoto era não apenas um sinal de desagrado pela obra dada à estampa, como o mesmo desagrado e suas

consequências deveriam ser imputados ao Marquês – putativo impulsionador da mesma. Estes eventos poderão igualmente estar na base da expulsão dos Jesuítas de Portugal.

O Frontispício é a apresentação da obra com suas informações autorais, data e impressão.

A gravura da página 33 retrata “Os crocodilos dos túneis da Sé de Viseu” [The crocodiles living in the Cathedral Tunnels.]

A gravura da página 66 retrata “O Pé-Grande: habitante da Quinta do Fontelo” [The Big Foot: inhabitant of the Fontelo.]

A gravura da página 99 retrata “O avistamento do The Flying Dutchman no Rio Pavia” [The sighting of The Flying Dutchman in the Pavia River.]

Os erros das legendas das gravuras, de um inglês não muito correcto, devem-se talvez a uma outra teoria que declara M.A. um português da corte de D. José e expectável pintor régio (do qual não há registos) como autor das gravuras e das próprias legendas.



Desenho Arqueológico da Corneta do Rei Ramiro II de León

DESIGNAÇÃO: Corneta cerimonial

DATA: Desconhecida

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.022

PROVENIÊNCIA: Desconhecido

“No passado dia 22 de Maio, uma descoberta acidental transformou um jovem agricultor residente em Moçâmedes (distrito de Viseu) num verdadeiro herói local e reacendeu o debate no seio da comunidade científica, onde há muito se vem questionando se as lendas do Rei Ramiro terão algum fundamento histórico. Quando tentava remover umas pedras do seu terreno, situado perto da Capela da Senhora da Agonia, deparou com um conjunto de objetos seienterrados que, segundo afirma, apenas «pareciam ser mais lixo e entulho». Uma peça, contudo, despertou a sua atenção e levou-o a contactar Rufino Pereira, um historiador local que prontamente a identificou como sendo uma estela funerária do período medieval.

Uma posterior prospeção pelo terreno permitiu identificar ainda os vestígios de um grande túmulo de pedra e uma corneta de terracota, que os habitantes da região associaram de imediato ao instrumento de som utilizado pelo Rei Ramiro II na lenda de Miragaia. «A memória popular sempre associou a figura deste Rei ao lugar de Moçâmedes» - avança Rufino Pereira. «Não devemos tirar conclusões precipitadas, mas a verdade é que as descobertas dos últimos dias parecem confirmar que ele, não somente viveu, como foi sepultado aqui.»

Com a chegada de uma equipa de arqueólogos da Universidade de Trujillo, que irá coordenar uma campanha de escavações arqueológicas mais exaustiva, as peças foram enviadas para um laboratório que procedeu à sua datação por carbono 14. Ficou confirmado que pertenciam a finais do séc. IX / meados do séc. X. O mais surpreendente, contudo, foi que durante os trabalhos de limpeza e restauro das mesmas se descobriu um pequeno pedaço

de papiro, manuscrito, escondido numa minúscula concavidade da corneta. Apesar do seu avançado estado de degradação, já foi possível efectuar uma leitura parcial do documento, que se apresenta como uma listagem de bens.”

In Jornal da Beira Dão, 4 de Junho de 2012, pág. 38

Um documento manuscrito em pergaminho, descoberto enrolado no interior da corneta cerimonial. Apresenta um avançado estado de degradação, tornando impossível a leitura completa e indubitável de todos os caracteres. No entanto, o texto traduzido até ao momento permitiu compreender que se tratava de uma listagem de objectos, ligados à infância de um membro destacado da nobreza peninsular. Na quarta linha, uma referência ao nome “Ordonho” torna plausível a associação com o Rei Ramiro II, que se pensa ter vivido alguns anos nesta região de Viseu. (Nota: Ordonho II foi suserano de Galiza e de Leão e pai de Ramiro II).

- Objecto 1: segundo a descrição, seria um objecto de configuração alongada composto por dois elementos distintos: o primeiro apresentando duas aletas laterais (percorridas por uma faixa de cabeças-de-prego entrelaçadas) e emergindo sobre um cabo cilíndrico rematado por um polígono arredondado, ladeado por frisos bojudos intercalados por anéis de faces lisas. O segundo elemento, mais comprido mas com afinamento gradual até atingir 1/3 da largura que apresentava no arranque, junto a um nó em forma de micro-urna, desenvolve-se numa lâmina de madeira com alteamento central compósito e termina numa espécie de frontão curvo com arco elíptico peraltado. Após estudos comparativos, presumiu-se tratar de uma espada de madeira.

- Objecto 2: tabuleiro de jogo, composto por um bloco paralelepípedo de pedra com metade dos cantos chanfrados, e os restantes em forma de concavidade tronco-cónica acentuada de faces oblíquas e arestas proeminentes (ou seja, partidos). Apresenta sete linhas verticais e apenas seis horizontais (ou vice-versa, consoante a perspectiva de visão) conjugados numa multiplicação de ângulos rectos e intersecções geométrico-cruciformes, com quadrados enquadrados em outros segmentos quadrangulares maiores. Corolas de berloques e motivos fitomórficos decoram os enxalços inferiores, sendo que a moldura superior é depois composta por faixa de godrões.

- Objecto 3: encontrando-se na parte mais degradada do manuscrito, esta descrição apenas menciona “umas travessas de madeira com (...) de javali”. Os arqueólogos parecem não ter dúvidas que se trata de um cavalo de baloiço, apresentando crina de pelo de javali e patas em meia-lua, com uma cela de couro lavrada a fio de prata.



Registo de Campo da ferradura da pata traseira esquerda do pônei no qual Ibn Harrik (Afonso Henriques) tentou fugir para Marrocos

AUTOR: Desconhecido

DATA: 2023

N.º DE INVENTÁRIO: MF.2023.023

PROVENIÊNCIA: B. McXug

Após a derrota na batalha de Badajoz, em 1169, que teve como consequência o fim da expansão do nascente Portugal para Leste, Afonso Henriques sofreu um traumatismo, caiu do seu cavalo e foi capturado por Fernando II de Leão (familiar que apesar de tudo pediu com jeitinho as praças “espanholas” entretanto na posse dos portugueses e a promessa de vassalagem futura). O que se encaminhava para ser uma expansão de Afonso e o seu amigo Geraldo “O Sem Pavor” (conquistador de Évora, entre outras façanhas militares), terminou com um Rei a prometer submeter-se ao primo e Geraldo a encaminhar-se para Marrocos, onde ficaria ao serviço dos Senhores que melhor lhe pagassem.

Afonso Henriques terá prometido a Fernando II que, assim que pudesse montar novamente a cavalo, iria prestar a devida homenagem e, então sim, afirmar e confirmar a vassalagem que lhe exigiam.

Em sequência e estando Afonso Henriques, conhecido entre os muçulmanos por Ibn Harrik, o “cão galego”, ou o “maldito de Alá” – entre outros mimos – a estanciar nas termas de São Pedro do Sul, para ultrapassar as mazelas, recebe continuadas mensagens de Geraldo, provindas de Marrocos, a incentivar a que Afonso se juntasse a ele, em termos que prometiam saque, glória e talvez umas tagines de frango ou carne de caça da melhor.

Conta-se que nunca mais foi visto Afonso Henriques a montar a cavalo e que terá sido transportado até ao final da sua vida por “liteira de homens”.

Não se deixou inicialmente convencer pelos apelos de Geraldo, mas farto das termas e da hidroginástica, foi de S. Pedro do Sul até Viseu, para matar sauda-

des dos locais em que conversara com o seu amigo, confessor e conselheiro Teotónio (posteriormente S. Teotónio, o primeiro Santo português; e em vida o Prior da Sé de Viseu), num repente de mágua pelo passado, rouba Afonso um pônei – era astuto o Rei e a promessa era de não montar a cavalo! – e encaminha-se, pelos lados da Cava, orientado ao Caramulo, pensando depois dirigir-se a África para se juntar a Geraldo.

Ali para os lados de Vil-de-Moinhos, ao cruzar o Pavia, o pônei sucumbiu ao peso e tropeçou, abatendo Afonso com os costados na água, destruindo uma represa e fazendo com o pônei perdesse uma ferradura (após o que fugiu, o pobre animal, entre pragas).

Os populares – que passavam sem água à custa da represa e voltaram a tê-la – dirigiram-se ao local do acidente em alegre festa dando graças a S. João Batista. Reconheceram o Rei e perguntaram-lhe o que se passava e para onde ia ele. Terá respondido o Rei que estava a caminho de Marrocos, para visitar a sua tia, mas não Marrocos África, antes o lugar de Marrocos, em Molelos (ao lado de Tondela) e a poucos quilómetros de distância [afinal havia quem dissesse que tinha por ali familiares, na zona de Viseu].

Com este acontecimento, não só se criou o hábito de agradecer, em montaria, a S. João, no que são hoje as Cavalhadas de Vil-de-Moinhos, como se deu origem à música popular infantil “Fui visitar a minha Tia a Marrocos...”, de que há versão muito particular, no referido lugar e envolvente de Molelos.

Quanto a Geraldo, teve uma carta confiscada por aqueles para quem trabalhava e viu a sua vida abreviada. Afonso que montou um pônei, nunca chegou a ir prestar vassalagem a Fernando II e com trovões e coriscos regressou a pé ao morro da Sé, tendo deitado a ferradura do pônei a um poço que encontrou no caminho – e que agora se inclui no logradouro do n.º81 da Rua do Carmo, em Viseu.

MUSEU DO FALSO

Direção & Coordenação-Geral
Rui Macário Ribeiro

Coordenação Gráfica & Design
Luís Belo

Consultoria Histórica e de Conteúdos
Liliana Castilho

Discurso Expositivo & Iluminação
Nuno Rodrigues

Social Media Manager
Inês Ferreira

ESTE CATÁLOGO

Título: **T-55 (21)**

Subtítulo: **Museu do Falso**
- Núcleo de Guapimirim

Edição: **Projecto Património / Memória**
Comum - Associação | Secretaria Municipal
de Turismo - Prefeitura de Guapimirim

Textos: **Rui Macário Ribeiro**

Fotografias e Design: **Luís Belo (em Portugal);**
Marcelo Oliveira (no Brasil)

Assistente de Produção: **José Pereira**

Apoio à Produção: **“Manu”**

O Núcleo de Guapimirim resulta de um processo de co-criação realizado entre 29 e 31 de Maio de 2023, que teve lugar no Espaço Arte & Flora (Guapimirim) com Adriana Andrade, Simone Lugão, Kátia Reis, Rayanne Luiz, Walbia Souza, Danielle Trajano, e Írio Lima Jr.

Viseu/Guapimirim, 2023

O Museu do Falso, é um projeto da Projecto Património/Memória Comum - Associação
Co-Produção: Teatro Viriato
Apoio: Município de Viseu
Financiamento: Eixo Cultura - Eixo 2.1

O **MUSEUDOFALSO** é um Museu de Território fundado em 2012 e sediado em Viseu, com modelo expositivo físico “pop-up” e permanência Online. Aborda as noções e questões do Património Cultural, identidade e comunidade(s), através de criações concept-specific sob a premissa de Simulacro - a partir de elementos historiográficos.

O NÚCLEO T-55 (21) DO MUSEU DO FALSO TEM PRODUÇÃO



MEMÓRIA
COMUM



SECRETARIA DE
TURISMO

